



**UnB**

Universidade de Brasília  
Instituto de Relações Internacionais  
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais  
XVII Curso de Especialização em Relações Internacionais

**O vizinho malquisto: a ideia de crescente xiita como forma de  
contenção do Irã na sua busca pela liderança no Golfo.**

**Ana Carolina Seixas Martins**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do  
título de Especialista em Relações Internacionais

Orientadora: Professora Doutora Vânia Carvalho Pinto

Brasília

2016

## Resumo

Os impactos da Revolução Islâmica de 1979 e da guerra entre Irã e Iraque, desencadearam um processo de expansão da influência iraniana no Golfo Pérsico. Os iranianos buscaram inicialmente expandir os ideais da revolução para os demais países árabes, o que fez surgir o espectro do medo da ameaça xiita. A invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003 e a deposição de Saddam Hussein aumentaram ainda mais o medo do Irã. A alteração da geopolítica do Golfo deixou um vácuo de poder, no sentido que Iraque e Irã eram as duas potências que contrabalanceavam a projeção de poder na região. O Irã, por se considerar o país natural a ocupar tal espaço, buscou projetar sua influência sobre os países do Golfo Pérsico. Isto gerou a criação do conceito de Crescente Xiita, criado pela Arábia Saudita e difundido por meio de uma declaração do Rei Abdullah II da Jordânia. O Crescente Xiita constitui a crença de que o Irã estaria prosseguindo uma política de mobilização das massas xiitas dos países árabes, a fim de desestabilizar e depor regimes monárquicos sunitas. Este artigo visa entender o Crescente Xiita e o porquê deste conceito ter sido fortemente utilizado pelos países árabes que compõem o GCC. No final, há um breve estudo de caso a respeito da invasão saudita no Iêmen para lutar contra os Houthis. Para os sauditas o grupo xiita zaidi deve ser subjugado por serem desestabilizadores do governo Iêmen e por serem apoiados pelo Irã, que para os árabes, visa inflamar o conflito para a derrubada do governo.

**Palavras-chave:** Irã. Crescente Xiita. Golfo Pérsico. GCC. Iêmen.

## Abstract

The impacts of the Islamic Revolution of 1979 and of the Iran-Iraq war unchained an expansion process of Iranian influence in the Persian Gulf. Firstly, the Iranians sought to expand the revolutionary ideals throughout the Arab nations. This came up as a spectre of fear of the Shiite menace. The 2003 United States invasion of Iraq and the vanquish of Saddam Hussein increased the fear of Iran. Iran and Iraq were the two powers that balanced each other in the Gulf. Thus, this change in the geopolitical scenario left a power vacuum in the region. Iran, for considering itself as a natural player to occupy such space,

sought to project its influence over the countries of the Persian Gulf. It led to the creation of the Shia Crescent concept. It was created in Saudi Arabia but was broadcast by a declaration of the King of Jordan, Abdullah II. The Shia Crescent is a belief that Iran in pursuing politics of Shiite mass mobilization inside the Arab countries in order to unbalance and depose the Sunni monarchies. This paper aims to understand the Shia Crescent and why it was tightly used by the Arab nations of GCC. At the end, there is a brief case study over the Saudi invasion of Yemen against the Houthis. For the Saudis, the Zaidi Shiite group is responsible for destabilizing the government in Yemen. Since they are supported by Iran, who seeks to depose the Yemeni government, they must therefore be subdued.

**Keywords:** Iran. Shia Crescent. Persian Gulf. GCC. Yemen

## *Introdução*

Guerra, revolução, mudanças políticas e econômicas vertiginosas pautaram as relações na região do Golfo Pérsico, fenômenos que quando colocados juntos formam uma figura multidimensional dos processos que vêm ocorrendo nas últimas três décadas. A geopolítica do Golfo apresenta uma extensa complexidade que pode ser notada por meio de diferenças religiosas, diferentes sistemas e regimes políticos, demografia, interferência externa e, em especial, pela localização estratégica. Além disso, a região abriga os Estados com maiores recursos energéticos fósseis do mundo, o que os torna atores bastante relevantes na economia política internacional.

A região do Golfo Pérsico pode ser caracterizada como uma sub-região do Oriente Médio e do Norte da África, conhecida na sigla em inglês como MENA. De acordo com Anoushiravan Ehteshami (2013: 1) o Golfo está dividido entre os países que compõem o Conselho de Cooperação do Golfo (GCC) e entre Irã, Iraque e Iêmen, este último em menor extensão.

Dada a securitização da política da região desde 1980, tanto para o Irã quanto para os países do Golfo, segurança e política externa não podem ser separadas (KAMRAVA, 2008: 158). As agitações religiosas e revolucionárias do Irã em 1979, tiveram impacto nas monarquias do Golfo, cujas populações são predominantemente sunitas. Com o intuito de defenderem-se contra o avanço do Irã, as monarquias do Golfo criaram o Conselho de Cooperação do Golfo (GCC – sigla em inglês). O grupo GCC representa uma busca pela globalização regional mostrando sinais de habilidade de integração e caminhando rumo à consolidação do bloco, apesar das grandes diferenças entre seus membros.

Por outro lado, o Irã, o Iraque e o Iêmen lutam para achar o seu lugar na ordem regional. O Irã, objeto principal de estudo deste trabalho, encontra um dilema quanto ao papel regional que deve exercer. Isto se dá porque os países árabes do Golfo, o Egito e os Estados Unidos consideram as práticas iranianas como ilegítimas e como ameaça aos seus interesses na região. Ray Takeyh (2009), caracteriza o Irã da seguinte maneira:

*As a Persian, Shiite nation struggling in an Arab, Sunni Middle East, Iran has always lived with the fear of being surrounded by foes. A country that has been the subject of numerous invasions and whose boundaries have shrunk over the*

centuries is legitimately suspicious of both its neighbors and the Western empires that have coveted its land and resources. Paradoxically, Iran's international orientation has historically been shaped by a presumption of greatness, an undiminished sense of superiority over its neighbors, and an acute concern about foreigners' intentions (TAKEYH, 2009: 1-2).

Este artigo tem como objetivo entender por que os países árabes e os Estados Unidos difundiram a ideia de um Irã brutal e malquisto. Fá-lo-ei por meio da análise e utilização do conceito do Crescente Xiita, isto é, na crença que o Irã, ao se tornar cada vez mais influente no Golfo, busca formar redes de controle sobre as populações xiitas presentes nas monarquias árabes. O crescimento da influência da República Islâmica do Irã como potência preeminente no Golfo Pérsico fez surgir o espectro do medo sobre as monarquias árabes: a possibilidade que o Irã passasse a controlar as populações xiitas da região. O medo dos árabes sunitas está centrado na difusão e crença de um conceito geopolítico segundo o qual os xiitas tomam o poder no Oriente Médio transformando a região em um quintal do Irã (PUELINGS, 2010: 3). Argumento que o conceito é válido para os países árabes que compõem a região do Golfo e arredores e serve como retórica para a ação contra o Irã. O Irã por sua vez, acredita que o papel de líder no Golfo seja algo ligado à sua dimensão geográfica, histórica e regional. Por isso, insiste na não-interferência de atores externos nos assuntos da região, o que confronta os ideais norte-americanos e dos países que compõem o GCC. Sugiro que tal pode ser entendido por meio de uma breve leitura dos acontecimentos no Golfo, desde a eclosão da Revolução Islâmica de 1979 e também pela análise de como ações praticadas pelos Estados Unidos, GCC e Irã moldaram o conceito e acarretou em consequências reais.

O trabalho está dividido em três partes: a primeira corresponde à descrição da insegurança regional gerada pelo crescimento da influência iraniana através da Revolução Islâmica, e da guerra entre Irã-Iraque, e de como estes fenômenos foram importantes no sentido de moldarem o conceito acadêmico do Crescente Xiita. A segunda parte discorre sobre as relações entre o Irã e seus principais os países do GCC que foram pautadas pelo entendimento do Crescente Xiita como ameaça a ser contida no Golfo. A terceira e última parte constitui um breve estudo de caso sobre a intervenção saudita no Iêmen baseada no discurso de contenção da expansão xiita do grupo Houthi, apoiado pelo Irã. Concluo que o Crescente Xiita constitui importante ferramenta para respaldar ações violentas dos

países árabes contra grupos xiitas. Ele é utilizado apenas como retórica política a fim de conter o avanço da influência do Irã e consequente domínio do país no Golfo Pérsico.

*1. Crescente xiita: o aumento da influência iraniana no Golfo a partir da Revolução de 1979*

O termo Crescente xiita foi sugerido pelo Rei Abdullah II da Jordânia, que em uma entrevista em 2004 ao jornal Washington Post expressou sua apreensão quanto ao surgimento de um novo Crescente xiita que iria desestabilizar a região e aumentar ainda mais o conflito entre sunitas e xiitas. O Rei referia-se a uma ameaça fundamental ao status quo no Oriente Médio, na forma de um Xiismo global controlado por Teerã. Kayhan Barzegar (2008: 61) escreve que na entrevista “the King vividly described a curve running from Hezbollah in Lebanon, through the Assad regime in Syria and the Shiite dominated government in post-Saddam Iraq, to Saudi Arabia and, finally, Teheran”. A tensão aumentou após a percepção de que o Irã estaria interferindo nas eleições do Iraque, que aconteceram no dia 30 de janeiro de 2005. O rei acusava o Irã de estar financiando partidos xiitas no Iraque e de estar incentivando iranianos a cruzarem as fronteiras para votar junto aos xiitas a fim de estabelecer no Iraque um governo xiita similar ao existente no Irã (RIGHT e BAKER apud BARZEGAR, 2008: 65).

A Revolução Islâmica de 1979 e as guerras ocorridas no Oriente Médio moldaram a região. De acordo com Raymond Hinnebusch (2013: 3), na região do Golfo, a luta pelo petróleo e pelas vendas deste resultou em uma série de conflitos desencadeados pela presença armada de tropas norte-americanas na região. As relações do Irã com os Estados Unidos, que eram boas até antes da Revolução, deterioraram-se ainda mais após a crise dos reféns da embaixada americana em Teerã. Isto resultou em um rompimento das relações com o país ocidental e num crescimento da insatisfação americana com relação às ações do Irã no Golfo (Ibid: 5).

A Revolução Islâmica protagonizada pelo Aiatolá Khomeini, em 1979, baseou-se no discurso ambicioso do líder de expressar ao mundo que os muçulmanos possuíam um modelo de governo moderno que poderia ser implantado, não fossem as forças imperialistas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, que, segundo ele, faziam parte dos patrocinadores do Xá (COSTA, 2013).

The Iranian revolution had its roots in domestic inequality and political repression but the intimate connection between this and its position in the international system inevitably made the revolution a nationalist one with profound international repercussions (HINNEBUSCH, 2013: 188).

Amir M. Haji-Yousefi (2009: 120) argumenta que alguns observadores concordam que a estrutura internacional é a grande responsável por moldar a política externa iraniana, por isso a preocupação dos iranianos com as constantes interferências externas na região. Segundo o autor, quando observadas as principais razões porque Khomeini opôs-se ao regime do Xá, duas discordâncias são encontradas: por um lado a dependência e obediência do Xá aos Estados Unidos e do outro a sua tácita aliança com Israel, apesar da ditadura de Pahlavi (Ibid). Esta questão é bastante relevante ao se observar os slogans da Revolução Iraniana, que pregavam acima de tudo a independência e a liberdade. A independência e desconfiança de estrangeiros imperialistas e capitalistas está até mesmo descrito na constituição do país, o que resultou numa fobia de estrangeiros e uma visão negativa deles (HAJI-YOUSEFI, 2009: 121).

Existe, porém, uma contradição entre o entendimento revolucionário de Khomeini e do Ocidente. Para Khomeini, não houve a criação de um novo sistema de governo, mas sim, a aplicação de algo estabelecido pelo profeta e pelos seus Imãs. Contudo, para o Ocidente há o nítido entendimento de que Khomeini utilizou seu poder carismático e erudição para envolver todos os xiitas sob sua guarda numa atuação pautada pelo pragmatismo de quem ambicionava o poder, inclusive forjando um sistema novo (COSTA, 2013: 227).

Segundo Homa Katouzian (2009: 20) a revolução foi uma revolta da sociedade contra o Estado. Entretanto, esta não tinha as mesmas características de uma revolução aos moldes ocidentais, isto porque o Estado não era representado por uma simples ditadura, mas por um sistema totalmente arbitrário ao qual faltava legitimidade; no caso do Irã, toda a sociedade, ricos e pobres, se revoltaram contra o Estado (KATOUZIAN, 2009: 21).

O islamismo revolucionário entendido por Khomeini catapultou as elites antiocidentais ao poder, posicionando o país como um regime contra a monarquia e contra a interferência ocidental. Dessa maneira, a visão dos Estados Unidos e de seus aliados árabes com relação ao papel do Irã no Golfo mudou de mero subordinado a um papel de

desafiador da influência externa (ocidental) (HINNEBUSCH, 2009: 10). A islamização social e política do Irã e a busca pela expansão da crença xiita geraram suspeita e medo do Irã teocrático.

A ideia de um xiismo global controlado por Teerã rapidamente se espalharia pela região e seria considerada uma ameaça ao status quo regional. (BARZEGAR, 2008: 61). É importante frisar que o conceito do Crescente Xiita só foi implementado no século XXI, porém, a desconfiança e as tentativas de contenção da influência crescente do Irã datam desde antes da Revolução de 1979.

Tal entendimento do conceito foi fortemente criticado, em especial no Irã, o que levou o rei Abdullah II a ser acusado de fomentar o ódio religioso. Entretanto, o conceito tem maior apelo político do que ideológico. Assim, ele foi sendo modificado e sofrendo adendos transformando-se em versões que entendiam o Crescente xiita como um eixo de poder geopolítico que se estende ao Paquistão, Azerbaijão e pontos do Afeganistão, e que constituiria uma influência nas mesmas proporções que foram as do Império Otomano (BRÖNING, 2008: 61). Da mesma maneira, aproveitou-se do conceito o chefe de Estado egípcio, Hosni Mubarak, utilizando-o apenas por questões políticas, tal como a modificação da opinião pública doméstica. Ele enfatizava que a minoria xiita era traidora do Islã e que a maioria dos xiitas eram leais ao Irã e não aos países nos quais eles viviam (Ibid, 62).

Como todo regime revolucionário, Teerã também buscou fomentar o crescimento da ideologia de governo da República Islâmica e exportá-la sempre que possível (EHTESHAMI, 2009: 127). Como, com bastante frequência na história, regimes revolucionários levam a guerras e conflitos, a Revolução Islâmica levou à guerra entre o Irã e o Iraque. Sendo considerada por muitos autores como uma das guerras mais violentas já vistas, o conflito pautou-se sobretudo na disputa por território, influência e sobrevivência (EHTESHAMI, 2003: 117).

Ray Takeyh (2008: 16) possui uma visão diferente do autor acima. Para ele, além de objetivos territoriais e políticos do conflito, a guerra era uma batalha pelo triunfo de ideias, estando de um lado o secular pan-Arabismo do regime Ba'athist e do outro o ideal islâmico revolucionário.

As an ideologically driven state, Iran never defined the war in terms of territory lost and gained, but as a spiritual mission seeking moral redemption. For the clerical rulers, Iran had been attacked not because of its provocations or territorial disputes, but because the Islamic Republic embodied a virtuous



order. This was an infidel war against the Islamic revolution, the “Government of God”, and the sublime faith of Shi’ism (Ibid).

Separar os motivos da guerra entre meramente geopolíticos ou ideológico-religiosos parece não ser a maneira certa de entender o conflito. Disputas pautadas em todos estes aspectos estavam em questão. Os oito anos de duração da guerra salientaram o grau de animosidade entre os dois regimes, as mudanças geopolíticas que ocorreram após o conflito e o abandono do Irã por toda a comunidade internacional (Ibid: 17).

Saddam Hussein acreditava que a queda do Xá trouxera um vácuo de poder ao Irã e que o país poderia ser rapidamente subjugado, porém a ideologização da mobilização de forças mostrou-se surpreendentemente tenaz. Embora o Irã tenha saído como vitorioso e tenha demonstrado a força do novo regime, uma aproximação com as monarquias árabes foi percebida a fim de acomodar interesses regionais. As relações não deixaram de ser tensas, mas líderes iranianos reconheceram que, sendo um estado xiita motivado pela exportação de sua revolução religiosa, as relações seriam inevitavelmente marcadas pela suspeita, o que acarretou na falta de suporte durante a guerra com o Iraque (HINNEBUSCH, 2003: 58).

A ONU levou cerca de cinco anos para reconhecer o conflito e exigir a saída dos iraquianos do Irã (HAJI-YOUSEFI, 2009: 121). A consequência maior desta inação da comunidade internacional diante do conflito foi o aumento da desconfiança iraniana com relação ao resto do mundo, algo que está arraigado a sua política externa até os dias atuais.

Tendo o Iraque perdido a guerra para os revolucionários islâmicos, os Estados Unidos passaram a se preocupar efetivamente com o Irã, com receio que a onda revolucionária desestabilizasse o regime da Casa de Saud, seu importante aliado, bem como dos demais países do Golfo mais vulneráveis (EHTESHAMI, 2003: 118). O país possui importante papel na política regional do Golfo e é ator indispensável na definição do Irã como um inimigo que tenta exportar ideais xiitas e desestabilizar regimes na região.

Segundo Seyed M. Mirhosseini e Sarvinder K. Sandhu (2010: 123) a política norte-americana para a região está pautada na crença que toda a prosperidade do Ocidente está ligada às reservas petrolíferas do Golfo Pérsico. Não tendo funcionado a sua política dos “pilares gêmeos” devido a revolução islâmica, os EUA utilizaram a Doutrina Carter para a região, amplamente aplicada na guerra Irã-Iraque. Tal doutrina previa o afastamento de aliados potencialmente instáveis politicamente e um acordo com a Arábia

Saudita, que previa a venda de armamentos sofisticados ao país. Em troca os árabes construiriam um elaborado sistema de comando naval e aéreo, grandes o suficiente para abrigar forças norte-americanas em um intenso combate regional (Ibid: 124). Dessa maneira, a visão dos Estados Unidos com relação ao Irã, passou de mero subordinado a desafiador da influência Ocidental no Golfo (HINNEBUSCH, 2009: 7).

Os receios da Revolução de 1979 e da guerra que se seguiu levaram a formação do bloco árabe conhecido como Conselho de Cooperação do Golfo (GCC – sigla em inglês). O GCC é uma união política e econômica entre Bahrein, Omã, Qatar, Kuwait, Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita. Durante a guerra entre Irã e Iraque, todos os países do GCC, bem como os Estados Unidos, a Alemanha, a França e o Reino Unido apoiaram o Iraque, o que acabou por tornar o conflito o mais longo e com maior número de mortos na história do Oriente Médio. O GCC é um bloco cuja força financeira é evidente. Conseqüentemente, seus membros se beneficiam de considerável projeção de *soft power* (EHTESHAMI, 2015: 13). Como a organização foi fundada em meio ao conflito Irã-Iraque, o GCC é sobretudo uma organização de segurança que visa trazer para baixo de seu guarda-chuva de segurança países com seus mesmos ideais. Por isso, a primeira preocupação do bloco foi de que maneira seus países poderiam ser imunizados dos efeitos da guerra, como poderiam conter o Irã sem agravar o conflito e como apoiar o Iraque de maneira que ele não obtivesse poder suficiente para interferir nos assuntos do bloco (Ibid: 17).

A percepção do Crescente Xiita foi desenvolvida academicamente pelo autor Vali Nasr que trouxe para o debate uma análise dos desenvolvimentos regionais que levaram a crer na existência de uma ascensão xiita. Segundo o autor, não existe a ideia de pan-Xiismo, ou até mesmo uma liderança unificada entre os xiitas. Contudo, ele aduz que os xiitas compartilham uma visão coerente da sua religião tendo desenvolvido concepções da lei e da prática islâmica bastante diferentes das sunitas (NASR, 2006:1). De acordo com ele “the Shia revival refers to a consensus among Shia governments and movements on the point that gains made in Iraq should be protected and entrenched” (Ibid, 179).

O analista sobre Golfo Pérsico do exército alemão Maximilian Terhalle (2007) é contra o argumento de que exista um Crescente Xiita. Na realidade, para o autor, o que existe é o reconhecimento da discriminação sofrida pelos xiitas nos países árabes do Golfo Pérsico, como mostrados nas revoltas xiitas no Barein. Os protestos advêm dos graves

problemas econômicos e de uma crítica ao sistema político de dominação imposto pelo rei.

These purely domestic imponderables have produced the high degree of disenchantment with the economic and political status quo, and they have not been adequately addressed by the government. Therefore the root cause of Shia activism is not a reflection of transnational Shiism directed by Iran; rather, it is predicated on upholding communal interests in relation to the government and other stands of society (TERHALLE, 2007: 72).

Michael Bröning (2008), aponta que o conceito de Crescente xiita é baseado em uma visão de ameaça muito vaga. Afinal há uma linha tênue entre este conceito, que surgiu no Oriente Médio, e uma ideia de estudiosos norte-americanos que falam sobre um “Shia Rise”, ou seja, um despertar xiita. Neste artigo, será abordado o conceito de Crescente xiita sob o ponto de vista de diversos autores, com foco sobre a visão oriental do conceito a fim de compreender as relações entre o Irã e os países árabes que ali se localizam.

O renascimento do Crescente Xiita e a perpetuação deste ideal é abordado também por Pepe Escobar em seu artigo “Shiitestan”. O autor defende que uma frente xiita irá surgir baseada na influência crescente do Irã na região, que unirá os xiitas do Iraque, Bahrein e Síria. Contudo, esta frente não possui um caráter militar de expansão da lógica xiita e, sim, uma tentativa voltada para a expansão da economia de mercado e uma “progressiva liberalização da moral e da opinião pública” (ESCOBAR apud HAJI-YOUSEFI, 2009: 119).

Ao apontar os diferentes pontos de vista dos autores a respeito do Crescente Xiita é possível questionar se há realmente uma vontade iraniana de controlar os países árabes por meio de sua influência sobre as populações xiitas ou se esta ideia não passou de uma retórica muito bem colocada pelos seus vizinhos para conter o Irã, cuja influência e força cresciam na região após a queda de Saddam Hussein no Iraque. Na sessão seguinte, será utilizado o conceito do Crescente Xiita para compreender como se dão as relações entre o Irã, os Estados Unidos e o Conselho de Cooperação do Golfo desde a invasão do Iraque pelos norte-americanas até os dias atuais.

## 2. *O Crescente Xiita e os constrangimentos do Irã e suas relações com o GCC e os EUA após a invasão do Iraque em 2003*

O ataque terrorista do 11 de setembro e a consequente invasão dos EUA no Afeganistão e Iraque acarretou em grande confusão e incertezas no mundo árabe que passou a ter que lidar com um dilema. Haji-Yousefi (2009) aponta que o dilema estava assente na percebida intenção dos norte-americanos em democratizar o Oriente Médio. O autor acredita que este dilema tenha sido a base da criação do Crescente Xiita, com objetivo de aliviar as tensões que os árabes estavam sofrendo.

It seems that the reason behind the idea of the Shia Crescent was to create a Shiophobia and Iranophobia and to distract America's attention from democratization in the Arab world. Secondly, there was an attempt to increase America's reliance in conservative governments in the Middle East, those who have strongly controlled central governments. [...] After the establishment a democratic government in Iraq and making the Shia the de-facto rulers there, the Arab states took the opportunity to introduce a Shia crescent theory and thus to raise the concerns of the United States towards Iran and align the US with their own interests (HAJI-YOUSEFI, 2009: 125).

Após a invasão do Iraque pelos norte-americanos em 2003, o cenário regional do Golfo, isto é, o papel dos atores regionais e transregionais sofreu significativas mudanças. Segundo Barzegar (2010), as relações entre o Irã e o Iraque mudaram de tal maneira que não é possível pensar uma balança de poder regional entre os dois países.

Since the overthrow of the Baathist regime in Iraq, it has been virtually impossible to establish a new kind of balance of power between Iraq and Iran. Developments in Iraq's structure of power and political system, including the institutionalization of the role and influence of Iraqi Shiites and Kurds, have ended in a redefinition of Iraq's internal politics and its relations with neighboring states, principally Iran (BARZEGAR, 2010: 77).

A falha da política externa de George W. Bush para o Oriente Médio resultou na procura por países na região que justificassem as causas desta falha (HAJI-YOUSEFI, 2009: 128). Dessa forma, o Irã era o país que melhor se encaixava no jogo da culpa. Então, utilizando-se da desconfiança dos países árabes com relação ao Irã, os EUA acusaram o Irã de ser a raiz dos problemas no Oriente Médio, inclusive do conflito entre Israel e Palestina, apontando o Irã como um mal que o mundo árabe devia confrontar e conter (Ibid).

Na essência, a presença militar norte-americana no Golfo no governo Bush estava centrada na contenção do Irã e de qualquer tentativa de aumentar sua influência. Para isso, firmou alianças com os países árabes em volta do Irã, estabelecendo bases militares na Arábia Saudita, Qatar, Barein, Turquia, Kuwait e Emirados Árabes Unidos (HAJI-YOUSEFI, 2009: 128). Contrabalancear a influência iraniana é importante para os EUA para facilitar a derrota do Hezbollah, que constitui ameaça a Israel; enfraquecer o apoio à Palestina e o Hamas e tentar, por meio do medo do xiismo, convencer os árabes a reconhecerem o governo de Nuri al-Maliki no Iraque (Ibid: 130).

Por sua vez, a maior preocupação de Teerã não está focada no Iraque e sim nas intenções de Washington com relação à República Islâmica. Embora o Irã tenha apoiado os Estados Unidos na guerra contra o Taleban no Afeganistão, a colocação do país pelos norte-americanos no “eixo do mal”<sup>1</sup> fez com que o Irã adotasse uma postura mais proeminente como ator regional.

Já a estratégia do Irã com relação ao GCC é a de marginalizá-lo por meio do afastamento dos EUA de sua política. Dessa forma, a república iraniana aposta em relações bilaterais com as monarquias do Golfo ao invés de lidar com o bloco (CRONIN e MASALHA, 2011: 5). Este é um fator a favor do Irã que possui relações bastante diferenciadas com cada um dos Estados, o que acarreta na inabilidade do bloco em formular um posicionamento coletivo em relação ao Irã.

A fim de analisar se o conceito se aplica ou não à realidade, faz-se necessário primeiramente localizar quais os principais pontos de tensão e de que maneira os países árabes enxergam suas populações xiitas como um problema aos seus governos e ao equilíbrio do sistema regional. Neste sentido, Barzegar (2008: 88) afirma que existem dois grupos de políticos e intelectuais proeminentes nos debates sobre o Crescente xiita: por um lado encontram-se as elites árabes sunitas e do outro os opositores ao papel regional crescente do Irã na região do Golfo, com destaque para os Estados Unidos. Para o autor, as elites sunitas preocupam-se com a ideia em três dimensões. A primeira diz

---

<sup>1</sup> Conceito adotado pelos norte-americanos durante o governo de George W. Bush que determinava quais países eram considerados ameaça ao ocidente pela busca destes atores em obter armas de destruição em massa, dando destaque principalmente à Coreia do Norte, o Irã e o Iraque. “States like these, and their terrorist allies, constitute an axis of evil, arming to threaten the peace of the world. By seeking weapons of mass destruction, these regimes pose a grave and growing danger. They could provide these arms to terrorists, giving them the means to match their hatred. They could attack our allies or attempt to blackmail the United States. In any of these cases, the price of indifference would be catastrophic” (BUSH, 2002: sem página).

respeito à diminuição de seu poder, a segunda com o crescimento das demandas das suas populações xiitas e por último, o papel expansivo do Irã nas questões consideradas árabes. Da perspectiva das elites sunitas, os movimentos xiitas no Iraque desequilibraram as bases de poder no Oriente Médio. Dessa maneira, a dinâmica de poder das elites sunitas na região estarão consequentemente desiguais daquela xiita (Ibid)

A chegada ao poder de xiitas em um país árabe pela primeira vez, como ocorreu no Iraque, preocupou as elites sunitas que temiam que atender a demandas políticas desencadeasse um processo de remoção dos sunitas do poder.

O impacto da guerra do Iraque, o transbordamento da influência do Irã e a elaboração de um crescente discurso sectário por toda a região teve impacto significativo na Arábia Saudita, o país mais poderoso que compõe o GCC. A suspeita de que os xiitas são descrentes e desleais à monarquia são as causas do aprofundamento das fissuras entre a política saudita e a sua sociedade (CRONIN e MASALHA, 2011: 27). De fato, o aumento da confiança dos xiitas na região multiplicou as demandas pelo fim da marginalização e exclusão dos xiitas sauditas, algo que intensificou os prejuízos do reino.

Para Vali Nasr (2006), o crescente xiita aponta para uma crise de legitimidade que está transbordando e expondo a grande lacuna que existe entre os governos Wahhabis e suas populações. As discordâncias populares puderam ser fortemente vistas no episódio de revoltas que ficou conhecido como Primavera Árabe. Embora não tenha ligação direta com o Irã, o processo abordou diversas ideias que surgiram no país quando da sua transformação em uma República.

A reação em cadeia que se iniciou na Tunísia se espalhou pelo mundo árabe e quase todos os países do Golfo em alguma forma de protesto. Neste interim, o GCC desempenhou papel importante ao apoiar a primavera árabe em países como a Líbia, o Iêmen e a Síria. Sílvia Colombo (2012: 2) aponta que o apoio veio de diferentes formas, contudo o GCC de maneira geral se aliou aos manifestantes oferecendo suporte midiático e diplomático, bem como intervindo em alguns casos.

As hostilidades dos países árabes contra o Irã também aumentaram ao passo que este país sofreu diversas denúncias de que estaria financiando grupos da resistência em outros países. Com essas acusações e com o apoio iraniano ao regime de Assad, a tensão entre os países que compõem o GCC e o Irã cresceu ainda mais. Tentativas de encontros entre o GCC e o Irã e 2012 mostrara-se infrutíferas já que os representantes da Arábia

Saudita não compareceram às reuniões por considerarem que o Irã estava sendo pouco cooperativo (RAGAB, 2012: 9).

Apesar da ideia de Crescente Xiita ser um pouco exagerada, distorção esta que contou com forte ajuda das lideranças Sunitas, não se pode negar a afirmação que os xiitas têm conquistado mais poder dentro de territórios governados por sunitas do que jamais obtiveram em séculos de história (HELFONT, 2009: 287).

Outro lado da questão também é ideológico, afinal se trata da ideia de reviver um ideal e engajar as massas xiitas neste processo. As minorias xiitas no Golfo foram responsáveis por diversas mudanças que se espalharam pelos Estados árabes. De acordo com Barzegar (2008) os movimentos xiitas sempre foram a força motriz para as populações sunitas na demanda por maiores reformas políticas e respeito aos direitos humanos na região. O engajamento das massas árabes, tanto sunitas quanto xiitas, constituem grande preocupação para as elites sunitas, em especial quando se trata do envolvimento do Irã na tentativa de ampliar seu papel regional.

O terceiro e talvez mais inquietante dos aspectos que fomentam o conceito é o próprio Irã. A retórica exagerada da tradicional ameaça que o Irã representa há muito está presente nos discursos dos países árabes, seja para justificar suas decisões e ações políticas ou por medo de perder o apoio financeiro e militar que recebem dos Estados Unidos. Neste aspecto, Bröning (2008) concorda com Barzegar ao afirmar que o argumento central do Crescente Xiita como um perigo regional apoia-se na percepção do Irã como um tipo de hegemon brutal.

However, an assessment of Iran as some sort of brutal hegemon in the Gulf can scarcely be justified – notwithstanding President Ahmadinejad’s frequent gaffes. Teheran’s current foreign policy is undoubtedly also aimed at asserting itself more forcefully in the region, but this cannot automatically be regarded as an attempt on Iran’s part to set itself up by force as hegemon among the region’s Shiites. On the contrary, Teheran abandoned the policy of exporting revolution in the 1990s (BRÖNING, 2008: 66).

De acordo com Kayhan Barzegar (2008: 90) a ideia de um Crescente Xiita a nível de mobilização de massa pode ser contestada por dois motivos. O primeiro, parte do argumento sobre a factibilidade da existência de uma ideologia religiosa nas áreas mencionadas. O autor concorda que o fator da identidade nacional tem mais peso nas unidades de força e solidariedade na região do que o fator ideológico-religioso.

Today, Middle Eastern issues are mostly centered along the lines of the cultural, political and geopolitical demands of identity—e.g., the Persians, Arabs, Turks, Kurds, et cetera—and these have basically become consolidated due to their common language, territorial proximity, and historical origins. Accordingly, the Iraqi Shiites, Lebanese, and Syrians are first Arabs and only then Shiites. Moreover, the Iranian Shiites are first and foremost Persians. It was for this reason that Iraqi Shiites actively joined the Ba’athist regime’s war against Iran, seeing it as their national duty (BARZEGAR, 2008: 91).

Para o autor essa distinção de cultura e identidade única existe mais na perspectiva árabe devido a longa falta de interação entre as pessoas e a informação errada passada pelas elites sunitas e poderes externos de que o Irã deveria ser considerado a maior ameaça na região.

O segundo motivo se dá pela decisão estratégica do Irã, após a guerra com o Iraque, de estabelecer relações equilibradas com os países árabes da região para, assim, alcançar seus interesses. O cenário regional, de guerras e presença estrangeira, além das diferenças culturais entre os países não permitiram que o Irã construísse confiança e avançasse nas relações com as elites árabes sunitas (BARZEGAR, 2008: 92).

Neste mesmo sentido, Puelings (2009: 13) acredita que diferentes aspectos perpassam a abordagem de uma coordenação entre forças xiitas. Para ele é dada muito pouca atenção à diversa natureza do mundo islâmico. Relações tribais, familiares, etnias e identidade nacional têm papel importante e prevalecem sobre as diferenças religiosas e confessionais.

A esse aspecto é possível acrescentar a visão de que a existência de um bloco xiita uniforme é irreal. A dimensão doutrinária do conflito regional mostra-se exagerada na medida que tensões doutrinárias dentro das próprias secções da religião islâmica são negligenciadas. Escobar (2007), a fim de defender sua visão do Crescente Xiita, chama a atenção dos leitores no sentido de ouvir as opiniões dos jovens, das mulheres, dos filósofos e da indústria cultural de Teerã que, e sua opinião, são os responsáveis pela formação da agenda iraniana. Ele afirma ainda que nenhum Crescente Xiita ideológico pode existir porque a população xiita do Oriente Médio encontra-se bastante fragmentada e polimorfa, no sentido que a única coisa que os une é a oposição ao Islã Sunita ilegítimo.

It has done so to show that the Sunni-Shia divide is not as clearly defined as it is sometimes depicted. In fact, many Sunni Islamists, such as the Muslim Brotherhood, align with Shii Iran against the Sunni Arab regimes. While, the focus thus far has been on political issues, it must be emphasized that the



Brotherhood and Iran are not as conciliatory on other more contentious issues (HELFONT, 2009: 295).

Tensões entre grupos xiitas ocorreram repetidamente e em maior escala no Iraque do que aquelas entre grupos sunitas. Perpassam por estes conflitos inúmeras questões políticas, tal como o futuro da religião petrolífera de Kirkuk, até questões de constitucionalidades legais no Iraque (BRÖNING, 2008: 69). A formação de uma coalizão interna neste país entre Sunitas e Xiitas em janeiro de 2008 mostra que o nacionalismo ultrapassou facilmente a questão ideológica, mesmo de partidos que são conhecidamente mais simpatizantes com o Irã. A generalização levou também a falsas interpretações no Líbano, país em que os Xiitas também não constituem um grupo homogêneo. Para Bröning (Ibid), “a relação do Hezbollah com a Síria e o Irã é também exagerada nesta conexão”, isto é, a ideia que se forma sobre as relações multifacetadas existentes entre este grupo e os países mencionados assume a forma de uma caricatura exagerada que acaba por contradizer a tese do Crescente Xiita”.

Apesar de considerar as desconfianças e o discurso do Crescente Xiita como algo exagerado, um fator que contribui para o medo regional do Irã e não pode deixar de ser citado é o acordo nuclear que este firmou com as potências ocidentais recentemente. A assinatura do acordo nuclear do Irã com o P5+1<sup>2</sup> e os Estados Unidos em 2015 e sua implementação em janeiro de 2016<sup>3</sup> asseguraram ao país o direito de estabelecer um programa nuclear pacífico e passar para a próxima fase, que constitui no início da retirada das sanções sofridas pelo Irã (WHITE HOUSE, 2016). Com este acordo, é provável que a legitimidade que o Irã ganhou irá favorecer suas relações com seus principais parceiros comerciais, a China e a Rússia. Além disso, acredita-se que haverá um crescimento do acesso à tecnologia militar no país, cuja capacidade militar atual é relativamente fraca. Isto se deu pelas décadas de sanções, desconfiança de seus vizinhos, o conflito com o Iraque e uma indústria corrupta e com falta de acesso à tecnologia (THE ECONOMIST, 2016).

In Iran now, the main debate has not been over democracy or human rights, but over the Rouhani government’s purchasing of Airbus airplanes. Opposition candidates emphasized the application of “resistive economy” (a national

---

<sup>2</sup> Os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas e mais a Alemanha.

<sup>3</sup> O acordo entrou em vigor após a inspeção realizada pela Agência Internacional de Energia Atômica no Irã, que concluiu que o país havia completado todos os passos necessários para garantir um programa nuclear pacífico.

economic structure that is resistant to any external sanctions) and warned against Western economic influence. Proponents of internationalization defended the purchase of Airbus airplanes and dismissed denunciations of the excessive economic influence of the West as amounting to “conspiracy theory.” This exemplifies the new terms of political division (MAHDAVI, 2016: sem página).

O líder supremo do Irã, apesar do acordo nuclear ainda possui uma visão pessimista dos Estados Unidos, considerando que ainda não se pode confiar no país. Dessa maneira, o mundo ocidental deixou de tentar subjugar o Irã e passou a tentar transformá-lo, tarefa que não julgam ser fácil devido à desconfiança externa pela República islâmica ao longo da história (Ibid).

De acordo com o que foi posto até então, é possível compreender que as monarquias árabes do Golfo, bem como seus demais vizinhos árabes e os Estados Unidos posicionam o Irã como maior foco de insegurança na região. Ao analisar a balança de poder regional é possível observar que o peso crescente do Irã nos assuntos regionais leva a uma maior prossecução de políticas de segurança contra a ameaça iraniana.

Argumento aqui que o Crescente Xiita não constitui uma ideologia e sim uma estratégia política, encabeçada e difundida pelas elites sunitas da região por medo de perderem seu poder político econômico e influência regional. Este receio tornou-se ainda mais premente após a negociação do acordo nuclear entre nações ocidentais e o Irã e o início da retirada das sanções contra o último.

Ainda é incerto se os países do Golfo conseguirão resistir às tensões geradas pelos movimentos da Primavera Árabe. Sílvia Colombo (2012: 3) acredita que o padrão político no Golfo será o de maior integração a fim de reduzir a vulnerabilidade doméstica para as demandas populares por maior liberdade. Buscando escapar das revoltas incólumes, os países do GCC apostaram também no sectarismo. Sendo um exclusivo clube de monarquias, era de se esperar que estes apoiassem forças sunitas por toda a região. Estes países o fizeram oferecendo suporte tanto para regimes sunitas autoritários ameaçados pela maioria xiita da população, como foi o caso do Barein, quanto para movimentos sunitas combatendo regimes não-sunitas, como na Síria, cuja família de Assad pertence a um nicho heterodoxo do xiismo, os Alawitas (Ibid: 10).

Conclui-se que tanto em termos concretos quanto retóricos, a nova luta por influência regional após a Primavera Árabe está assentada sobre o discurso sectário do Crescente Xiita. As democracias ocidentais não se mostraram contra as ações tomadas

pelo GCC no Barein, na Síria e no Iêmen, estas que foram pautadas em intervenções que vão contra as ambições pró-democráticas da Primavera Árabe (COLOMBO, 2012: 13).

A fricção entre governos, em especial entre a Arábia Saudita e o Irã muitas vezes irrompeu no vazio, isto é, não passou de discursos (CRONIN e MASALHA, 2011: 23). Porém, por vezes o conceito do Crescente Xiita foi aplicado a interferências diretas, como é o caso da intervenção saudita no Iêmen a fim de conter os xiitas Houthi, que será utilizado como estudo de caso na sessão a seguir.

### *3. Aplicação a um caso específico: A utilização do Crescente xiita como justificativa para a intervenção da Arábia Saudita nas insurreições no Iêmen*

A guerra civil que assola o Iêmen constitui uma disputa em um país distante entre pessoas que o mundo, muitas vezes, não sabe nada sobre. O país é considerado o mais pobre da região do Golfo Pérsico e vive há tempos sob o espectro de ser considerado um failed state<sup>4</sup>. Antes de 2011, o Iêmen já sofria com conflitos políticos, tensões e violência crescente resultados das tendências autonomistas e separatistas que ganhavam corpo no antigo Iêmen do Sul, que fora independente de 1967 até 1990. As questões políticas internas no país misturam-se com as conformações geopolíticas do Golfo que se encontra dividido pela disputa de poder entre o Irã e a Arábia Saudita, disputa esta que alimenta o sectarismo entre xiitas e sunitas respectivamente.

A instabilidade do Iêmen preocupa e alerta os demais países para a necessidade de um futuro estável na região do Golfo. O país possui a maior população da região, que em sua maioria vive com menos de \$2 dólares ao dia, além de ter uma localização estratégica no sentido de viabilizar a exportação de petróleo da Arábia Saudita (JUNEAU, 2013: 2).

---

<sup>4</sup> We define a “failed state” as a condition of “state collapse” – a state that can no longer perform its basic security, and development functions and that has no effective control over its territory and borders. A failed state is one that can no longer reproduce the conditions for its own existence. This term is used in very contradictory ways in the policy community (for instance, there is a tendency to label a “poorly performing” state as “failed” – a tendency we reject). The opposite of a “failed state” is an “enduring state” and the absolute dividing line between these two conditions is difficult to ascertain at the margins. Even in a failed state, some elements of the state, such as local state organisations, might continue to exist. Definição dada pela Crisis State Research Network que faz parte do Departamento de Desenvolvimento Internacional da London School of Economics. Disponível em: <http://www.lse.ac.uk/internationalDevelopment/research/crisisStates/download/drc/FailedState.pdf>

As vulnerabilidades que o Iêmen apresenta, seu fraco poder central e problemas econômicos, fez com que o país tivesse que lidar com a interferência política de seus vizinhos mais poderosos, especialmente do Irã e da Arábia Saudita, respaldada pelos países que com ela compõem o GCC.

Antes de 2011, ano que os protestos iniciados em países no norte da África se intensificaram e se espalharam pelo mundo árabe, o Iêmen já enfrentava uma série de conflitos políticos, adicionados ao colapso econômico que vive o país. Para melhor entender o envolvimento externo nos conflitos políticos domésticos iemenitas, é mister fazer referência ao movimento de unificação do Iêmen do Norte com o Iêmen do Sul em 1990.

O Iêmen do Sul foi um país independente do ano de 1967 até 1990. Muitas das circunstâncias que levam às disputas mais recentes tiveram sua origem nos problemas não resolvidos da violenta guerra civil que tomou conta do país em 1994. Segundo Stephen Day (2008) a unificação do país em 1990 foi aclamada por toda a sociedade internacional, no sentido que significava uma união e volta ao diálogo no mundo árabe, desmantelado desde a Revolução Iraniana.

Yemen's May 1990 union was praised at the time as a progressive development in three areas: first, as a sign of the end of the Cold War, occurring simultaneously with the unification of Germany; second, as a model of Arab unity, long considered dead after the bitter and divisive politics of the 1970s; and third, as an advance toward democracy, since the leaders of North and South Yemen agreed to hold free and open pluralist elections within the union's first few years (DAY, 2008: 420-421).

O período de transição pelo qual o Iêmen unificado passou foi bastante turbulento devido à divisão de poder entre o Norte e o Sul, a crise econômica, o aumento das tensões sociais e, principalmente, devido à incidentes de violência política contra membros do Partido Socialista que governava o sul. O acordo entre os dois antigos regimes era de que iriam dividir o poder sobre as decisões em 50% para cada, Norte e Sul, entretanto o presidente do Norte Ali Abdullah Saleh aproveitou-se de seu apoio da maioria do conselho presidencial para diminuir as políticas de seus rivais do Partido Socialista, ao passo que Saleh ganhava controle e influência sobre os recursos econômicos do sul. Dois anos após a unificação em 1990, uma campanha de assassinatos que matou cerca de 100 oficiais das forças do Sul chocou o país e levou a especulações que seria uma execução

realizada por forças militares ligadas a Saleh. Atualmente, se sabe que o ataque foi feito por mujahidins<sup>5</sup> árabe-afegãos, porém persiste a desconfiança de que o ataque fora endossado pelo presidente Saleh, senão, orquestrado por ele (DAY, 2008: 421). Sob ataque de milícias jihadistas afegãs e tendo conseguido apoio político de associados ao presidente Saleh, os políticos socialistas do Iêmen começaram a se retirar da capital Sana'a e a proteger fundos e recursos das províncias do Sul. Por esta razão foram acusados de serem separatistas e de ter abandonado a unidade nacional após a derrota do partido socialista em 1993 para o representante do Congresso Geral do Povo, endossado pelo presidente Saleh e aliado ao partido reformista. A guerra civil de 1994 teve duração de três meses e sua importância se dá pelo padrão político que se seguiu após seu término. Sob o comando de Saleh, diversas províncias do Iêmen iam caindo no controle do Norte, que prosperava muito mais em detrimento das províncias do Sul. Violência contra intelectuais, jornalistas e escritores tornaram-se corriqueiras e foram amplamente registradas por organizações de direitos humanos e, apesar disso, a administração de Saleh era parabenizada internacionalmente por estar encabeçando uma democracia emergente na península árabe. Ali Abdullah Saleh governou o Iêmen de 1990 até 2012, porém o país possui um grande contingente populacional que vive de maneira tribal e são quase autogovernados. Além disso, a população é altamente armada, tanto grupos rebeldes quanto forças militares, não havendo, portanto, um monopólio da força armada (SHARP, 2014: 2).

A maioria da população iemenita é muçulmana e está dividida entre sunitas e xiitas zaidi, estes que não compartilham a crença da infalibilidade e escolha divina dos imãs. Os xiitas do Iêmen correspondem a 40% da população e estão localizados em sua maioria nas províncias do Norte, entretanto nas últimas décadas ideais rígidos e puritanos dos Wahabistas e Salafistas sauditas têm influenciado a população sunita do país. A Arábia Saudita e o Egito são aliados e intervieram no Iêmen em favor dos sunitas a fim de combater os Houthis, uma milícia Zaidi do Norte, que é apoiada pelo Irã (JUNEAU, 2013). Os Houthis constituem um grupo de rebeldes no extremo norte do Iêmen em Sa'da e são assim denominados por terem sido guiados pela família Houthi, um clã religioso xiitas zaidi que alega ser descendente do profeta Maomé. A milícia luta tanto contra o governo do Iêmen quanto contra os sauditas e seus ideais, pois acreditam que a

---

<sup>5</sup> Guerrilheiros islâmicos no Oriente Médio.

comunidade xiita tenha sido marginalizada tanto devido aos sauditas quanto à negligência do governo com a região de Sa'da (SHARP, 2014: 3).

Tendo sobrevivido em um cenário notadamente ingovernável, Ali Abdullah Saleh buscou centralizar o poder no Iêmen durante 33 anos tendo como pilares a força militar e o Estado rendeiro (*rentier state*<sup>6</sup>).

Unable to govern the country single-handedly, Saleh has distributed political rents from Yemen's largely oil-driven economy through an inclusive patronage network of tribal, religious, military and party elites to secure their allegiance. Through his family, he dominates the state's security apparatus (THIEL, 2015: 43).

Dessa maneira, após os protestos da Primavera Árabe ganharem corpo no Iêmen, o presidente Saleh realizou uma série de manobras políticas, dentre elas a propina, a cooptação, a repressão e a propaganda. O presidente considerou as manifestações como uma afronta à unidade, liberdade e democracia e afirmou que os protestos foram orquestrados por Tel Aviv, apoiada pelos Estados Unidos a fim de desestabilizar todo o mundo árabe (IBID, 2015: 44). Aos poucos, os aliados de Saleh foram deixando de apoiá-lo, até que os países que compõem o GCC, liderado pela Arábia Saudita e apoiado pelos Estados Unidos, propuseram um acordo que visava que Saleh passasse o poder para Abd Rabbu Mansur al-Hadi, seu vice-presidente em troca de imunidade para si e para a sua família. Embora tenha adiado três vezes o cumprimento do acordo, Saleh deixou o governo para Hadi em novembro de 2012 após sofrer fortes pressões internas e externas dos sauditas e norte-americanos. Vale lembrar que Saleh e sua família ainda possuem bastante influência sobre a política do Iêmen, embora não mais estejam no poder (JUNEAU, 2015).

A Arábia Saudita é o principal ator externo influenciando no conflito fragmentado no Iêmen. De acordo com o autor Stig Stenslie (2013), o objetivo central da política saudita para o Iêmen é o de diminuir seu poder regional e mantê-lo enfraquecido. Detentora de três territórios que anteriormente faziam parte do Iêmen, os quais adquiriu por meio de um acordo que deveria ser renovado a cada vinte anos, a Arábia Saudita a fim de garantir que o acordo de Ta'if se perpetuasse, buscou por décadas enfraquecer o vizinho do sul.

---

<sup>6</sup> *Rentier state* na linguagem da Ciência Política e das Relações Internacionais significa dizer que o país deriva uma porção substancial do seu ganho nacional de divisas vindas do aluguel de áreas ricas em recursos naturais, nesse caso o petróleo, para a exploração por clientes externos. Ver: Hazem Beblawi, *The rentier state in the Arab World*, 1987.

Da mesma forma, manteve-se oposta à unificação do país, tendo deixado a ideologia de lado e apoiado os separatistas marxistas do Sul na guerra civil de 1994 (STENSLIE, 2013: 1).

Embora o conflito e intervenção no Iêmen possua fortes motivações políticas de manutenção do status quo, o contingente ideológico deve ser explorado. Como demonstrado nas duas primeiras partes deste artigo, a expansão dos ideais xiitas do Irã, apresenta-se como grande preocupação da Arábia Saudita e dos demais países árabes do Golfo. Portanto, além de manter os territórios antes conquistados, os sauditas têm como objetivo também impedir o crescimento de ideologias como o republicanismo e o Xiismo em sua fronteira ao Sul. Sabe-se que a milícia Houthi é a que mais cresce no Iêmen desde 2004, sendo essa embasada em ideais xiitas e contra o governo central do Iêmen e contra os sunitas influenciados pelos sauditas. Os demais atores envolvidos no conflito acreditam que o Irã esteja fornecendo armas para este grupo e que isto se deve ao fato do país não ter abandonado seu objetivo de expandir a Revolução Islâmica (Ibid: 6).

W. Andrew Terril (2014: 432) acredita ser evidente o apoio iraniano ao grupo rebelde dos Houthi. A liderança Houthi foi se tornando cada vez mais alienada do governo devido ao que eles denominaram de discriminação econômica à província de Sa'ada, onde eles predominam. O grupo por ser xiita Zaidi também se preocupa com tolerância do governo quanto ao proselitismo militante dos Salafistas sauditas no norte do Iêmen. Os iemenitas Salafistas normalmente apoiam o partido Islah, que é considerado um braço da Irmandade Islâmica (Muslim Brotherhood) e é profundamente anti-Houthi e hostil ao Irã (Ibid). Por sua vez, o Irã também está em desacordo com o governo do Iêmen por uma série de razões que incluem as estreitas relações com a Arábia Saudita.

A guerra dos Houthis contra o governo iemenita se iniciou em 2004, após uma tentativa de assassinato do líder Houthi pelo governo do país. Contudo, a escalada do conflito se deu em 2009 com a entrada da Arábia Saudita no conflito de maneira veemente ao atacar os rebeldes Houthi. Isto se deu quando os Houthis invadiram a fronteira sul da Arábia Saudita, tomando dois vilarejos fronteiriços, alegando que o fizeram porque o governo saudita permitiu que o exército do Iêmen usasse seu território na guerra contra os rebeldes. A Arábia Saudita contra-atacou de maneira muito agressiva e, após a retirada dos Houthis de seu território, assinou um acordo de cessar-fogo (Ibid: 433).

Por outro lado, o Irã passou a desempenhar um papel muito mais importante no conflito iemenita após a eclosão da Primavera Árabe. Os protestos contra o presidente

Saleh e a fraqueza do regime de al-Hadi permitiram um concerto mais efetivo do Irã com os rebeldes Houthi (TERRIL, 2014: 439). Eman Ragab (2013: 4) afirma que o Irã, ao ser visto como um país cuja liderança no Golfo deveria ser algo natural, exerce uma política de influência sobre atores não estatais religiosos. O país tem como estratégia a manutenção de uma rede de aliados xiitas que, por meio de políticas agressivas indiretas, garante o domínio do Irã sobre o mundo árabe. O autor cita que a República Islâmica influencia os xiitas de duas maneiras: com apoio financeiro e bélico, nos casos dos xiitas no Iraque e do Hezbollah; e apoio apenas financeiro, como é o caso dos Houthis. Embora a construção desta rede não deva ser vista com o terror e exagero que os árabes pregam, elas servem para os interesses iranianos no sentido de desestabilizar os países nos quais opera com esses grupos. Ademais, o Irã tem propagado uma imagem de defensor dos palestinos e da resistência islâmica e estabelecido coalizões com o Hamas, destacando Israel como “o Grande Satã” (Ibid: 5).

Para que haja uma dominância de um país em determinada região, é necessário que as ações desde sejam consideradas legítimas pelos outros Estados. Após a Primavera Árabe, o Irã deve, portanto, buscar legitimidade dos países árabes, que se tornaram os principais atores da região, antes dominada pela política norte-americana. No caso do Iêmen, o GCC decidiu trabalhar a seu favor e não coordenado com os EUA, decidiu confrontar o Irã e intervir novamente no conflito (RAGAB, 2013: 7).

Evidências de esforços iranianos para fornecer armas para os Houthis no Iêmen parecem surpreender, porém o auxílio a forças militares rebeldes é considerado um dos padrões iranianos de expansão sua influência (TERRIL, 2014: 439). Em resposta ao apoio iraniano aos Houthis, a Arábia Saudita interveio militarmente no Iêmen mais uma vez em 2015, com lançamentos de ataques aéreos.

Saudi Arabia defends its military intervention in Yemen as being based on a UN resolution authorising the restoration of the internationally recognised government in Sana'a. It also insists that the intervention is necessary to defend its own security (BLACK, 2016: sem página).

O reino conservador considera o Iêmen como o quintal de seu país e culpa o Irã de apoiar os Houthis e enfraquecer o governo. Críticos dizem que os ataques são desmedidos e desde que foram lançados os primeiros em março de 2015 existe um chamado por ajuda humanitária internacional e um apelo para que se firme um cessar-



fogo antes que o Iêmen colapse de vez. Entretanto, os sauditas alegam que as ações são necessárias para garantir a segurança do reino. Eles descreveram que seu propósito era proteger o Iêmen e sua população da agressão das milícias Houthi, que são apoiadas por potências regionais cujo objetivo é estabelecer uma hegemonia sobre o Iêmen e fazer dessa hegemonia a base para sua influência na região (Ibid).

Por fim, é possível compreender que a narrativa é facilmente construída sobre aspectos políticos de dominação e poder. Contudo, a invasão saudita no Iêmen baseada em um medo paranoico de que o Irã tem como ambição a destituição de regimes sunitas por meio de redes xiitas, somente serviu para aprofundar o sentimento de separação entre as populações e para fomentar o medo e desconfiança sectária.

### *Conclusão*

As quatro décadas de conflitos e mudanças no Golfo Pérsico analisadas neste artigo abriram espaço para a nova (ou aparentemente nova) realidade política regional. A queda da predominância iraquiana e a luta pela supremacia regional entre Irã e Arábia Saudita ilustram a nova dinâmica no Golfo. Entretanto, algumas características ligadas às relações entre as potências analisadas permaneceram constantes. Isto inclui a aspiração iraniana ao papel de hegemom regional, o medo que esta intenção gera nas monarquias do GCC e conflito principal quanto a presença de tropas ocidentais no Golfo.

Como demonstrado, a ideia do Crescente Xiita está baseada em uma série de eventos e fatores que juntos se mostram bastante convincentes. O conceito apresenta basicamente três dimensões. A primeira diz respeito à crença de que o Irã está tentando mobilizar as massas xiitas. A segunda de que é uma tentativa do país de construir um cinturão ideológico de governos amigáveis ao xiismo. E a terceira de que é uma tentativa do Irã de expandir seu poder regional. Contudo, foi possível observar que ele não representa exatamente um modelo de interpretação. As diversas variáveis que constituem as relações internacionais dos países do Golfo estão muito mais pautadas em questões racionais, de segurança e percepção de ameaça, do que propriamente nos aspectos religiosos e ideológicos que se misturam com a política dos países da região.

As diferenças entre as culturas e a política dos países da região fazem com que a criação de uma coalizão xiita baseada na mobilização de massas árabes seja bastante improvável, pois o Irã conhece suas limitações na projeção de sua política internacional.

Ao investigar de que maneira o Crescente Xiita afeta as relações entre o Irã e o GCC, é possível concluir que os países do último insistiram na criação de uma atmosfera de fobia à volta do Irã e dos xiitas. Os países do GCC como uma instituição têm buscado maneiras de colocar o Irã no isolamento sempre que necessário. O uso do Crescente Xiita pelos árabes também serviu para desviar a atenção norte-americana de seus interesses em democratizar a região.

Porém a rivalidade entre xiitas e sunitas é puramente um conflito pela distribuição de poder e não uma rivalidade estritamente ideológica. Como foi visto, a ascensão dos xiitas no Iraque é apenas um aspecto da realidade política e não justifica a colocação deste país em um eixo de xiismo imaginário.

Finalmente, é possível dizer que a visão criada sobre o Irã baseada no Crescente Xiita é exagerada e, por vezes, errônea. Os objetivos iranianos são prioritariamente a construção de um ambiente seguro a sua volta e a criação de oportunidades econômicas estratégicas. O exagero na violência e destruição utilizados para a contenção do Crescente Xiita deve ser evitado, como foi visto na terceira sessão deste artigo. A exacerbação da visão do inimigo, além de ofuscar a tentativa de se fazer ouvir numa região complexa como esta acarretou na escalada da violência, que vem assolando o país iemenita. Como no caso do Iraque, a colocação dos Houthis do Iêmen neste mesmo eixo de xiismo não corresponde à realidade política. O xiismo é apenas um aspecto da realidade do grupo rebelde e o apoio iraniano ao grupo é consistente com seus padrões de expansão da sua influência. Sabendo disso, a Arábia Saudita, temendo as insurreições da primavera árabe e a deposição do governo do Iêmen por um grupo xiita interveio de maneira violenta a fim de garantir sua influência sobre o vizinho do sul. É possível compreender através desse cenário, que a disputa entre a Arábia Saudita e o Irã pela projeção de poder na região não pode ser separada dos aspectos ideológicos que permeiam suas políticas. Porém, a utilização de um conceito que exclui o Irã e faz com que o país seja considerado o grande mal da região só contribui para a escalada da violência e aumento das tensões no Golfo.

## Referências Bibliográficas

BANK, André; RICHTER, Thomas; SUNIK, Ana. *Durable, yet different: monarchies in the Arab Spring*. In *Journal of Arabian Studies: Arabia, the Gulf, and the Red Sea*. 4:2, 2014. Disponível em:

[http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21534764.2014.971647#.Vdtjz\\_IViko](http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21534764.2014.971647#.Vdtjz_IViko)

Acesso: 05/05/2015.

BARZEGAR, Kayhan. *Iran and the Shiite Crescent: Myths and realities*. *Brown Journal of World Affairs*. Vol 15, Nº1, Fall/Winter 2008.

\_\_\_\_\_. *Balance of Power in the Persian Gulf: An Iranian View*. *Middle East Policy*, Vol. XVII, No. 3, Fall 2010.

BEBLAWI, Hazem. *The rentier state in the Arab world*. *Arab Studies Quarterly* Vol 9, Nº4, 1987. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/41857943> [acessado em 28/01/2016].

BLACK, Ian. *Saudi Arabia sees Yemen intervention as defense of 'backyard'*. *The Guardian*: London, 2016. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2016/jan/27/saudi-arabia-sees-yemen-intervention-as-defence-of-backyard> [acessado em 08/03/16]

BRÖNING, Michael. *Don't fear the Shiites: the idea of a Teheran-controlled "Shiite crescent" over the greater Middle East is at odds with reality*. *IPG* 3, 2008. Disponível em: [http://library.fes.de/pdf-files/ipg/ipg-2008-3/06\\_a\\_broening\\_gb.pdf](http://library.fes.de/pdf-files/ipg/ipg-2008-3/06_a_broening_gb.pdf) [acesso em 12/07/2015].

BUSH, George W. *Text of President Bush's 2002 State of the Union Address*. Washington D.C., 2002. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/onpolitics/transcripts/sou012902.htm> [acesso em 18/11/2015].

COLOMBO, Sílvia. *The GCC countries and the Arab Spring: Between the outreach, patronage and repression*. Instituto Affari Internazionali, Março de 2009. Disponível em <http://www.iai.it/sites/default/files/iaiw1209.pdf> [acessado em 28/01/2016]

COSTA, Renato José. *A influência dos ulemás xiitas nas transformações políticas ocorridas no Irã durante o século XX – o Wilayat al-Faqih e o pragmatismo dos aiatolás como inviabilizadores na expansão da revolução iraniana*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

CRONIN, Stephanie; MASALHA, Nur. *The Islamic Republic of Iran and the GCC states: Revolution to realpolitik?* Kuwait Program on Development, Governance and Globalization in the Persian Gulf Nº 17. Londres: LSE, 2011

DAY, Stephen. *Updating Yemeni National Unity: Could Lingering Regional Divisions Bring Down the Regime?* Middle East Journal Volume 62, No. 3, summer 2008. Disponível em <http://www.ingentaconnect.com/content/mei/mei/2008/00000062/00000003/art00004?crawler=true> [acessado em 25/02/2016]

EHTESHAMI, Anoushiravan. *Iran-Iraq relations after Saddam*. MIT Press: The Washington Quarterly, Vol 26, N° 4, 2003.

\_\_\_\_\_. *Iran's International Relations: pragmatism in a revolutionary bottle*. In The Revolution at 30. Washington: The Middle East Institute, 2009. Disponível em <http://www.mideasti.org/> [acessado em 02/02/2016]

\_\_\_\_\_. *Dynamics of Change in the Persian Gulf Political Economy, War and Revolution*. London: Routledge, 2013.

\_\_\_\_\_. *GCC foreign policy: from the Iran-Iraq war to the Arab awakening*. In The new politics of intervention in the Gulf Arab states. Middle East Center, Londres: LSE, 2015.

ESCOBAR, Pepe. “*Shiitestan*” in Michel Korinam and John Laughland, eds., *Shia Power: Next Target Iran?* London: Vallentine Mitche Academic, 2007

HAJI-YOUSEFFI, Amir M. *Whose Agenda is served by the idea of a Shia Crescent?* Tuskish Journal of International Relations Vol 8, N° 1, 2009. Disponível em <https://www.ciaonet.org/attachments/14357/uploads> [acessado em 22/11/2015]

HELFONT, Samuel. *The Muslim Brotherhood and the emergent Shia Crescent*. Foreign Policy Research Institute: Elsevier, 2009.

HINNEBUSCH, Raymond. *The international politics of the Middle East*. Manchester: Manchester University Press, 2003.

JUNEAU, Thomas. *Yemen and the Arab Spring: Elite struggles, state collapse and regional security*. Foreign Policy Research Institute: Elsevier, 2013. Disponível em: [http://ac.els-cdn.com.ez54.periodicos.capes.gov.br/S0030438713000276/1-s2.0-S0030438713000276-main.pdf?\\_tid=bd292a8a-d67e-11e5-a05e-0000aacb35f&acdnat=1455827736\\_e8f273f2e9368a19a80b969f311f36c1](http://ac.els-cdn.com.ez54.periodicos.capes.gov.br/S0030438713000276/1-s2.0-S0030438713000276-main.pdf?_tid=bd292a8a-d67e-11e5-a05e-0000aacb35f&acdnat=1455827736_e8f273f2e9368a19a80b969f311f36c1) Acesso: 17/01/2016.

KAMRAVA, Mehran. *Iran and the Gulf Cooperation Council*. In The Revolution at 30. Washington: The Middle East Institute, 2009. Disponível em <http://www.mideasti.org/> [acessado em 02/02/2016]

KATOUZIAN, Homa. *The Iranian Revolution of February 1979*. In The Revolution at 30. Washington: The Middle East Institute, 2009. Disponível em <http://www.mideasti.org/> [acessado em 02/02/2016]

MAHDAVI, Amir Hossein. *Iran's election wasn't about moderation or democracy. It was about how Iran will re-engage with the world.* Washington: The Washington Post, 2016. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2016/03/03/irans-election-wasnt-about-moderation-or-democracy-it-was-about-how-iran-will-re-engage-with-the-world/> [acessado em 03/03/2016]

MIRHOSSEINI, Seyed Mohsen; SANDHU; Sarvinder Kaur. *The Role of Iran Regarding the U.S. Security Systems in the Persian Gulf Region.* Cross-Cultural Communication Vol 6, N° 4, 2010. Disponível em <http://cscanada.net/index.php/ccc/article/download/992/1011> [acessado em 17/01/2016]

NASR, Vali. *When the Shiites rise.* Council of Foreign Affairs. Foreign Affairs Vol 85, N° 4, Jul-Ago 2006. Disponível em [http://www.jstor.org/stable/20032041?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/20032041?seq=1#page_scan_tab_contents) [acessado em 22/11/2015]

PARSI, Trita. *Beyond Military action and sanctioning: creating a sustainable US-Iranian relationship.* Entrevista com Max Ernst e Samantha Gay. Brown Journal of world affairs Vol 20, N° 2, 2014.

PUELINGS, Jelle. *Fearing a "Shiite Octopus": Sunni-Shi'a relations and the implications for Belgium and Europe.* Egmont: The Royal Institute of International Relations, 2010. Disponível em <http://aei.pitt.edu/13830/1/ep35.pdf> [acessado em 02/02/2016]

RAGAB, Eman. *Iran's role dilemma in the Arab region after the Arab revolution.* 2014. Disponível em: <http://cenaa.org/analysis/irans-role-dilemma-in-the-arab-region-after-the-arab-revolutions/> [acesso em 21/07/2015].

RIGHT e BAKER, 2004: A01

SHANAHAN, Rodger. *Iranian Foreign Policy under Rouhani.* In Lowy Institute for International Policy, 2015. Disponível em: <http://www.lowyinstitute.org/publications/iranian-foreign-policy-under-rouhani> [acesso em 15/11/2015].

SHARP, Jeremy M. *Yemen: Background and U.S. Relations.* Congressional Research Service. Novembro, 2014. Disponível em: <https://www.fas.org/sgp/crs/mideast/RL34170.pdf> [acessado em 12/12/2015]

STENSLIE, Stig. *Not too strong, not too weak: Saudi Arabia's policy towards Yemen.* Norwegian Peacebuilding Resource Center, Março de 2013. Disponível em <http://www.peacebuilding.no/Regions/Middle-East-and-North-Africa/The-Gulf/Publications/Not-too-strong-not-too-weak-Saudi-Arabia-s-policy-towards-Yemen> [acessado em 22/02/2016]

TAKEYH, Ray. *Iran's new Iraq*. Middle East Journal Vol 62, Nº1, Winter, 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25482470> [acessado em 22/11/2015]

\_\_\_\_\_. *Guardians of the revolution: Iran and the world in the age of the Ayatollahs*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

TERHALLE, Maximilian. *Are the Shia rising?* Middle East Policy Vol 14 Nº 2, 2007. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-4967.2007.00298.x/abstract> [acessado em 22/11/2015]

TERRIL, W. Andrew. *Iranian Involvement in Yemen*. Foreign Policy Research Institute: Elsevier, 2014.

THE ECONOMIST. *Arming Iran: after the nuclear deal*. Edição de 16 de maio de 2015. Disponível em <http://www.economist.com/news/middle-east-and-africa/21651279-should-russia-and-china-expect-arms-bonanza-iran-after-nuclear-deal> [acessado em 28/01/2016]

THIEL, Tobias. *Yemen's Arab Spring: from youth revolution to fragile political transition*. Londres: LSE, 2015. Disponível em [http://www.lse.ac.uk/IDEAS/publications/reports/pdf/SR011/FINAL\\_LSE\\_IDEAS\\_YemensArabSpring\\_Thiel.pdf](http://www.lse.ac.uk/IDEAS/publications/reports/pdf/SR011/FINAL_LSE_IDEAS_YemensArabSpring_Thiel.pdf) [acessado em 22/02/2016]

WHITE HOUSE. *The historic deal that will prevent Iran from acquiring a nuclear weapon*. Disponível em <https://www.whitehouse.gov/issues/foreign-policy/iran-deal> [acessado em 22/02/2016]